

Êxodo em áreas pacificadas afetou mão de obra de lojas

Alta no aluguel levou funcionários a deixar comunidades onde moravam perto do trabalho

ALESSANDRO-BIANCO
alessandro.bianco@odlanet.com.br

Alta dos aluguéis nas comunidades pacificadas tem provocado impacto social no Rio: sem poder arcar com o aumento do custo de vida, moradores se mudaram para casas precárias, sem água, luz e banheiros, e para comunidades não pacificadas, onde ainda é mais barato viver. Além disso, o êxodo virou um problema para comerciantes. Trabalhadores saíram do emprego porque se mudaram para longe ou pedem aumentos constantes para se manter nas favelas 'mais caras'. Especialistas alertam para especulação imobiliária irresponsável, que reflete efeito contrário ao que se busca com planejamento urbano eficaz.

"Eles (funcionários) abrem mão do trabalho por R\$ 200. Como moram no Dona Marta, aqui em Botafogo, após a

Em alguns casos, para continuar vivendo em áreas com UPPs, houve pedido de reajuste salarial

valorização com a pacificação, vieram pedir para que eu pagasse o benefício do transporte em dinheiro no lugar do cartão. Alegam que queriam vir a pé, pois R\$ 200 ajudaria a complementar o aluguel. Por lei, não posso fazer. Perdi funcionários", diz Luis Alberto Carvalho, dono da confeitaria Golden Bread.

Em outros casos, funcionários pressionam os patrões por um aumento no salário. Mas, segundo Adriano Stile, gerente do Restaurante Verdana, também em Botafogo, o problema é que muitos deles não têm qualificação profissional que justifique o aumento. "Tive funcionários que vieram do Norte para morar no Santa Marta ou na Rocinha. Após a pacificação, eles pediram aumento, mas muitos não sabem ler nem escrever. Acabam trabalhando com raiva, frustrados e saem".



FOTOS ESTEFAN RADOVICZ

Tamara Gomes se esforça para pagar R\$ 400 pelo imóvel que custava R\$ 180: 'Nasci aqui e vou ficar'

VIVA VOZ

PIERRE BATISTA
secretário de Habitação

"Desde a primeira gestão de Eduardo Paes, a prefeitura investe em política habitacional inclusiva, justamente para oferecer às famílias de menor renda a chance de sair do aluguel"



Regina vai do Cantagalo para o Lins: 'Só assim sobra dinheiro para comer'

Moradores ficaram sem opção

>Como O DIA mostrou semana passada, para não sair da comunidade, muitos moradores estão ocupando casas sem um mínimo de infraestrutura. É o caso de Tamara Gomes, 19 anos, que mora no Dona Marta, em Botafogo. "Pagava R\$ 180 e agora R\$ 400 por este espaço. Nasci e fui criada aqui, por isso resolvi ficar".

Regina Hemela de Souza é uma das que migraram para área não pacificada. "Saí do Lins para o Cantagalo, porque tinha UPP. Mas estou abrindo mão da segurança e voltando para o Lins. Só assim fico com dinheiro para comer. Não tenho condições de pagar R\$ 800 para morar".

ESPECULAÇÃO

Inimiga do planejamento

■ A especulação imobiliária nestas comunidades é inimiga do planejamento urbano para reintegrar as áreas pacificadas, antes dominadas pelo tráfico, com a cidade formal, segundo especialistas. "A busca pela valorização do capital imobiliário gera um grande desafio para todos os profissionais de arquitetura e urbanismo, e também para o poder público. O problema é fruto de uma cidade capitalista que, sob o ponto de vista urbano, surgiu de forma desorganizada", diz Sidney Menezes, presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio.